

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA COMMERCIAL, RELIGIOSA E NOTICIOSA.

EDITOR E PROPRIETARIO JOSÉ MARIA DIAS DA COSTA, RUA NOVA N.º 3 E.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
5.º ANNO	Braga, 12 mezes. 1\$600
	» 6 » 850
	Correspondencias partic. cada linha 40
	Anuncios cada linha. 20
	Repetição 10

PUBLICA-SE
ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Provincias, 12 mezes.	2\$000
» 6 »	1\$050
» sendo duas assignaturas	3\$600
Brazil, 12 mezes, moeda forte.	3\$600
Folha avulso	10

N.º 712



14 DE NOVEMBRO

11.º anniversario do fallecimento do Senhor D. Miguel de Bragança.

Saudade!

Eis o mysterioso sentimento que hoje se apossa de nossa alma compungida.

Saudade!

Eis a palavra agri-doce que o coração nos manda aos labios, que murmuram uma prece fervorosa.

Saudade!

Eis o impulso ingente que congrega perante os altares do DEUS VIVO todos os legitimistas portuguezes.

Saudade!

Não vae envolto com o incenso, que ondeia para o céo, o estuar da desesperança, que amesquinha; não se abrigam sob as azas da fé as paixões que germanam do lodo e para o lodo tendem.

E sublime, é santo o preito doloroso que neste dia prestamos, á face de Deus e dos homens, á memoria d'AQUELLE que em vida tanto amamos, e tanto nos amou.

As orações que hoje fazemos subir ao throno do Omnipotente, significam o cumprimento d'um dever pungentissimo, e a affirmação das nossas crenças inabalaveis.

Cumpramos aquelle, e affirmemos estas.

O dia 14 de novembro, dia de luto nos arraias legitimistas, por ser aquelle em que approve a Providencia chamar á sua presença a alma do Senhor D. Miguel de Bragança, que foi Rei d'estes reinos, e morreu no exilio, victima da revolução de 1850, cujas consequencias são a todos bem patentes; não pôde passar em silencio aos seus fieis amigos d'esta cidade.

Amanhã, na fórma do costume de alguns annos, se celebrará, na igreja do Hospital de S. Marcos, exequias e responso pelo eterno descanso do Rei Martyr; e para ter maior esplendor este acto se faz o seguinte

CONVITE

Amanhã devem celebrar-se solemnes exequias para suffragar a alma do Senhor D. Miguel de Bragança.

De manhã haverá, na igreja escolhida para este acto, a do Hospital de S. Marcos, missas geraes, e por 10 horas missa solemne, e no fim *Libera me*.

São por este meio convidados os revd.ºs sacerdotes e amigos do Augusto Findo, a tomarem parte nesta funebre commemoção.

BRAGA—TERÇA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO DE 1877

A' Redacção do «Commercio do Minho».

Londres, 2 de Novembro, 1877.

Ahi vão as minhas duas ultimas cartas ao *Apostolo*, cujas cópias até hoje mesmo me não tinha sido possível rever; tanto ultimamente hei tido que trabalhar n'outras cousas indispensavelmente; porque do meu trabalho depende na maior parte a minha subsistencia, como a miua independencia.

O conteúdo das cartas para o jornal creio, todavia, que não deixará de ter algum interesse para os leitores do *Commercio do Minho*, não obstante as datas das duas cartas.

A. R. SARAIVA.

SUMMARY.

I.—Empenho Inglez pelo triumpho da Republica em França com o mesmo fim por que Bismarck ali a deseja, isto é para perturbar a nação, dividil-a, enfraquecel-a

II.—O *Times* cantando o triumpho dos Republicanos Francezes, nem que fosse um triumpho de todo Inglez!

III.—Victoria consideravel dos Russos na Asia sobre os Turcos.

IV.—Symptoma curioso, e de mais importancia do que o Correspondente do *Times* lhe affecta dar.

V.—Dois casamentos notaveis, um hontem, outro hoje.

I.—Bismarck, o *Times*, Gambetta, M. Grévy, e Belleville—e com estes direi tambem toda a imprensa Ingleza, salvo a Catholica, sam todos pela Republica em França de preferencia a todo outro systema de governo.

Já se vê, pois, que a mesma França não pode fazer cousa melhor, para manter, ou antes, para recobrar, sua posição na Europa (de que estava acostumada a gozar por alguma meia-duzia de seculos, pelo menos), não tem necessidade de outra cousa que voltar ás amenidades de 1793, de 1848, e de 1871.

¿Onde pode ella encontrar amigos mais zelosos, mais interessados por sua felicidade, grandeza, preponderancia no Mundo, senão é nos bons desejos, na amizade, na benevolencia do Chanceller Prussiano, nos devotos da Communa em Belleville, e nos amaveis e desinteressados orgãos do Protestantismo Inglez?

Eis ahi o que resumbra perfeitamente do artigo directivo do *Times* de hontem, e de todos os mais papéis Inglezes não-Catholicos. E todavia, sam os Gambettas, os Julios Simões, e os Grévys, que a Imprensa e opinião publica Ingleza, querem ardentemente que regulem os interesses e destinos da França! E sam esses os unicos verdadeiros patriotas, os verdadeiros Francezes! Por ahi se pode julgar de que laya seja o patriotismo liberanga, por toda a parte o mesmo; salvo aqui, onde, mui saudavel e felizmente para este paiz, só se reputa bom e liberal, cá para dentro, o que parece e promove os interesses nacionaes; não o que os inimigos da Inglaterra a esta desejariam e aconselhariam.

Chegam a ser até ridiculas as dores que o proprio *Times* toma pelo credito, por exemplo, do Duque de Broglie, por incorrer no descrédito de sabir do carril «constitucional» em que Luiz Philippe tinha sido ajudado pelo pai do mesmo Duque a metter a França.

Veja-se como resumbra a dita irritação contra o Duque das seguintes expressões da folha Ingleza:

«Quando o Duque de Broglie se desviou da senda Constitucional, traçada com reverente cuidado por seu pai, e louvada por elle proprio, tornou-se o escravo do systema militar a que prestou sua influencia».

Nem menos se manifesta esse rancor nas seguintes expressões:—A França «condenará as pertencções dictatorias, e fará saber ao Marechal Mac-Mahon, que deve submeter-se á vontade della, ou resignar. O partido Republicano saherá como sobrepajar a resistencia de uma minoria impotente e incorrigivel».

Mais, é tal o desejo da folha Protestante contra o que receia possa vir a redundar em favor de um systema Catholico monarchico, que vai proseguindo em termos taes como estes:—«Nada pode exagerar o crime de aventureiros politicos, que estam arriscando occasionar uma guerra civil, para conservar o poder supremo em suas proprias mãos e nas do seu partido».—Vejam os como este eximio moralista politico reprova tão severamente este desacato no Governo Francez actual; e não teve o minimo escrupulo em sustentar com todas suas forças e influencias os revolucionarios Portuguezes, Hispanhoes, Italianos, bem que nesses paizes fossem pequenas maiorias, para transferir a essas mesmas minorias o poder!

O *Times* e os Inglezes estam namorados de M. Grévy, e a este é que preconizam e desejam para Presidente da Republica, para Thiers n.º 2. Alguma e até muita razão têm nisto; pois é certamente o homem que melhor serviria os interesses Inglezes, em ajudar a manter em França o systema que o amigo Bismarck tanto lhe appetee, pelo amor que lhe tem, e pelo engrandecimento que lhe deseja—dando nisso a medida do patriotismo dos Francezes que desejam satisfazer esse gosto ao Chanceller Prussiano!

Duas vezes mais ainda, no celebre artigo que estou considerando, traz o *Times* a collação o tal celebrado Governo Constitucional, que o não é, no verdadeiro sentido (salvo aqui), de ser fundado na constituição nacional. Primeiramente diz do Ministro M. Fourtou, «que nunca disfarçou seu desprezo pelo Governo Parlamentar»—bem haja elle; nisto estamos bem de accordo! E no fim do artigo diz:—«Que co odio que á Republica está fazendo que o Duque de Broglie entregue nas mãos dos Imperialistas aquella inapreciavel posse de Governo Parlamentar, de que o seu proprio partido, na sua propria familia, derivaram sua principal distincção historica».

Estes grandes encomios ao falso constitucionalismo—falso fora d'aqui, pois que o seu effeito, n'outras nações, e e tem sido, destruir-lhes as constituições reais, verdadeiras, e naturaes, e substituil-as por outras de papel,—tem no *Time* um dobre e patriotico motivo: 1.º porque entende exaltar o Governo verdadeiramente constitucional d'aqui; 2.º porque arruina e abate outras nações, em proveito da Inglaterra.

A. R. SARAIVA.

(Continúa)

Para que servem os Bancos.

Antes da crise de 1876 esteve muito doente o director d'um Banco, e constou que os collegas padeciam grandes dores e cuidados por causa de uns quinhentos contos que o doente trazia nos seus negocios.

Veio a crise, e constou mais que o directors do tal Banco, com excepção d'um, todos traziam grandes dinheiros nas suas especulações de agiotagem, ou negocios mais ou menos simulados.

E não admira isto, porque segundo nos conta a «Actualidade» na sua resenha de Bancos, estes foram mais creados por caprichos e interesses particulares de seus fundadores, do que para a protecção do commercio geral, e da agricultura e industria nacional.

Não foram creados os Bancos para os profanos; mas sim para os irmãos da seita, para os directores, parentes, amigos intimos, e ás vezes para governos obnoxios, e para muitos escandalos.

E' o que se pôde colligir do que se vê bem claro. Uma companhia, sem estar atraz d'um Banco, não está bem; uma casa bancaria, que não tenha um Banco maior para a cobrir, não vae melhor, e uma casa de commercio, ainda que seja de petroleo, de vinho ou azeite, não pula sem o dinheiro dos Bancos, onde se mette directa ou indirectamente a barba no caliz.

Acontece o mesmo com as fabricas, e algumas são conhecidas por se sustentarem e mesmo terem desenvolvido com os capitães dos Bancos, pois os directores de taes fabricas dirigem igualmente Bancos, e assim se levantam figurões que hontem eram nada, e na realidade nada são.

Apparece um Fulano & C.ª a exportar por grosso, e pergunta-se quem é a companhia d'aquelle folano? Ora quem é? é o director fulano do Banco de tal, de quem elle é testá de ferro; e assim muitas cousas, não faltando armazens de viubos, camisarias, casas de fazendas por grosso e miudo; finalmente, toda a industria, mesmo a do prego e do ferro velho.

Mas esta maneira de gerir é um monopolio escandaloso, que prejudica o commercio e a industria geral, e seria em proveito de meia duzia de individuos: não foi para isso que os accionistas compraram as acções que deram os capitães aos Bancos.

Muita gente séria que procura os Bancos, que tem meios seus para garantir a sua responsabilidade, se revolta contra um—está fechado o desconto, não conhecemos as firmas, não é firma commercial, não convem, ou como no estado presente—agora não se faz nada.

E porque se não faz nada? E' este ponto que deve ser discutido, apresentado á luz da verdade, como o sol em dia claro, e desmascarar esses tufos insolentes que por ahi menospresam corporações sérias, e pessoas de bem.

A crise da bota do sr. Manoel Gomes, é mais séria, ao que parece, do que a de 1876 que no Porte trouxe as cautelas do sr. Roriz. Naquelle tempo vê-se que a praça do Porto se deixava guiar pela papelada do sr. Roriz; actualmente a praça de Lisboa estava, ao que se vê, subordinada á alta intelligencia do sr. Gomes da Siva.

E digam lá a um rapaz d'alto bestunto—és tólo, has de ir para sapateiro. Nada, esse tempo já lá vae; já não ha tólos neste mundo, os espertos abundam.

E parece que a crise de 1877 é mais séria do que a de 1876—porque ella continúa com carranca horrivel; e os directores dos Bancos aterrados sem saberem como descalçar a bota, dizem unanimes: Não se faz nada, não convem. Amen.

Roma, cidade das ruínas, e das maravilhas, dos amphitheatros e do Vaticano, como descrever o indizível contentamento que em mim senti ao ver realiado o predilecto sonho de toda a minha vida, transpondo teus velhos muros!

Desde que principiei a soletrar a formosa lingua do Lacio, foi sempre o anhele mais vivo de minha alma o admirar-te, ó rainha do mundo!

Amava-te, sem conhecer-te; porque as minhas crenças, mais ainda que as tuas tradições, haviam despertado em meu espirito esse interesse que sente por ti todo o coração sinceramente catholico.

Gostava de ver-te soberba em Tito Livio, mas preferia venerar-te magestosa nas obras de Gaume ou Wiseman.

E como não havia de ser assim, se na religião que professo, vejo a origem da immortalidade que te exalta?

Roma, cidade eterna, que é feito do teu passado, d'esse passado de poder e gloria em que ufana recebias em teu seio os despojos do mundo conquistado?

Que te resta de tanta grandeza e renome?

A historia, nada mais. E vós, consules, imperadores, nomes outrora famosos, e hoje vão fantasmas do tempo, também passastes, e só em ruínas lhe sobrevivéis.

Roma é como um grande livro aberto ás meditações do sabio e do philosopho. Do poderio immenso que a fascinava, apenas existem vestigios.

E a gloria que a fez tão celebre, como que assentada no meio de ruínas, assusta o genio e confunde o nosso orgulho.

Aquella grandeza collossal sumiu se na voragem dos seculos.

E no fundo do tumulo, onde hoje existe, serve apenas de desengano ás chimericas illusões d'este mundo.

Eu queria ver Roma, desejava contemplar os restos d'aquelle gigante, que assombrando todos os povos, não ponde resistir á mão de Deus.

A piedade, porém, levava-me mais longe ainda. E quando me lembrava que em breve dobraria o joelho na propria sede do catholicismo, cimentada com o sangue dos martyres e rebustecida pela ferocidade dos cezares, parecia que os momentos se me prolongavam.

O capitolio, as thermas, os obeliscos, e o forum, despertavam em mim um vivo interesse, porisso que n'essas ruínas que são o archivo do tempo, o deposito do saber, do culto e da linguagem, eu podia ver os restos de uma civilização passada; mas o colliseu, as prisões mamertinas e as catacumbas, tinham um atractivo bem mais forte sobre o meu espirito, pois que me fallavam ao coração pela fé e pelo sentimento.

Era dominado por estes e outros pensamentos equivalentes, que cheguei com os meus companheiros á cidade das sete colinas, no dia 26 de maio pelas oito horas da tarde.

Já da linha ferrea nós tinhamos avistado alguns monumentos dos que actualmente engrandecem Roma.

A famosa basilica de S. Paulo que primeiro lobrigamos, fez-nos saudar de longe as reliquias do grande Apostolo, cuja decapitação deveria ser n'aquellas proximidades.

Mais alem a cupula gigantesca do Vaticano, que parecia ir elevando-se, ao passo que da cidade nos aproximavamos, nos indicava o tumulo do Principe dos Apostolos, junto ao qual, vive prisioneiro da revolução, á semelhança do seu primeiro antecessor o immortal Pio IX.

E assim embaldos n'estas salutaes distrações, que o apparecimento dos objectos nos suscitava entrarmos na estação.

Eramos pois em Roma, na cidade cujo nome todos pronunciam amudadas vezes, como sendo familiar a todos os povos e em todas as linguas.

O nosso desejo estava pois realiado, mas ainda não era completo.

Para isso necessitavamos de tempo, e a fadiga da jornada obrigava-nos a procurar repouso.

E nós, cuja missão consistia principalmente em irmos apresentar as nossas homenagens ao Grande Vulto do seculo XIX, contavamos com alguns dias de demora na cidade dos Papas.

Verdade é que para ver Roma não

sobram mezes; todavia como tinhamos por nós a graça de Deus, a boa vontade de todos, os bons serviços do nosso commum amigo, e illustre compatriota, Antonio Braz, a quem a peregrinação portugueza, em geral, e particularmente nós os bracarenses devemos muitissimo, não desanimavamos.

O nosso primeiro tiro foi da estação a Santo Antonio dos Portuguezes, aonde encontramos outros peregrinos que se nos tinham vantajado na jornada.

Ahi paramos e depois das indicações que recebemos do nosso generoso conterraneo, tomamos cada um a direcção que nos foi designada, até que de novo nos reunissemos para começarmos a nossa visita de forasteiros.

M. MARINHO.

Portugal e seus Detractores é o titulo de um livro que ha pouco saiu da penna do distincto e bem conhecido escriptor o sr. Luiz Augusto Palmeirim. Um outro livro, também ha pouco publicado pelo sr. Fernandez de los Rios, intitulado *Mi Misión* suscitou ao sr. L. A. Palmeirim uma serie de reflexões, que formam o livro de que nos occupamos. O *Portugal e seus Detractores*, diz o auctor e nós gostosamente acreditamos, foi inspirado pelo amor da patria, e ninguem mais do que nós curva reverente a cabeça ante taes inspirações, e, quando outros titulos não tivesse, bastava esse para lhe darmos logar distincto. Effectivamente ao livro do sr. Fernandez de los Rios não se podia dar livre curso; era preciso que algum portuguez se encarregasse de o refutar, temos todavia uma recordação: quando o sr. Fernandez de los Rios veio a Portugal era conhecida *su misión*, e não obstante de nenhum outro diplomatico nos lembramos que fosse mais festejado do que elle. Mas o que então se não fez, bom é que se faça agora, e nós folgamos ao registrar em nossas columnas que um distincto escriptor portuguez, inspirado pelo amor da patria, não consentiu que ficassem impunes asserções do sr. Fernandez de los Rios.

Ha entre outras uma contra a qual também nós não podemos deixar de protestar. O sr. Fernandez de los Rios diz que o governo de Portugal, auxiliava as tentativas da restauração monarchica, dando protecção aos carlistas.

Como se escreve a historia! Asseverando isto, não só o sr. Fernandez de los Rios nega a verdade conhecida por todo o Portugal, mas apresenta uma prova contraproducente. O diplomata hespanhol quer provar que o governo de Portugal é connivente nos manejos ibericos, e apresenta-o protegendo os carlistas, o unico partido hispanhol com quem é impossivel chegar a um accordo iberico.

Os carlistas tem muito a agradecer ao sr. D. Luiz, e ao seu primeiro ministro o sr. Fontes! Pobres carlistas! eram perseguidos como lobos; se tinham um revez em Hespanha, que os obrigava a procurar asylo em Portugal, eram arrojados para um pontão no meio do Tejo, e d'alli mandados barra fóra, se para os bater, nos povos limitrophes de Portugal, não bastavam as armas hespanholas, lá iam os destacamentos portuguezes que guarneciam a raia, auxiliar as forças hespanholas, quer fossem republicanas ou alfonsinas; porque contra os carlistas não se escolhiam alliados, acceitavam-se todos. Em caçadores 7, e não sabemos se em algum outro corpo, ha officiaes condecorados por estes serviços.

Se o sr. Fernandez de los Rios acha pouco, para *provar* o modo como de Portugal auxiliava as tentativas dos carlistas, os pontões no Tejo, podemos ainda apontar-lhe para a celebre pavorosa do Sabugal, que tanto immortalizou o sr. Fontes, e como prova da qual estão ainda culpados alguns individuos.

Por diferentes vezes, e diferentes motivos, tem havido em Portugal emigração hespanhola; mas nenhuma foi ainda recebida de sorte que envergoahasse o paiz, já pela pouca hospitalidade, já pelo servilismo com que se obedecia ás insinuações de Hespanha, senão a emigração carlista.

Bem diz o auctor do *Portugal e seus Detractores*: o livro do sr. Fernandez de los Rios é quasi exclusivamente baseado na irreflexão. A não ser assim, quando quizesse arguir o governo portuguez de iberico, deveria apontar para a perseguição feita aos carlistas, e confrontal-a com as honras e carinhos feitos ao general Prim, feitos a Castellar, áquelle Castel-

lar que offereceu o celebre lenço, etc., etc.

O sr. Fernandez de los Rios apresenta como um meio de propaganda o estabelecimento de uma igreja evangelica em Lisboa, a seu pedido. E não podemos deixar de reproduzir as palavras do sr. L. Palmeirim: «Sentimos, diz elle, que o templo que deve ser o refugio das almas fervidas, viesse a transformar-se pelo estabelecimento da igreja evangelica em valhacouto de renegados da peor especie, dos que sacrificam a Religião e a patria á sensualidade, porque ambas abjurações são impostas ao padre que pretende renunciar as asperesas do celibato catholico!»

O auctor do *Portugal e seus Detractores* n'estas poucas linhas descreve com mão de mestre a metamorphose do templo catholico, e as virtudes dos ministros evangelicos; e acrescenta ainda: «a Hespanha não póde de certo ufanar-se com estes seus novos cidadãos».

De certo que não. Nem a Hespanha enriqueceu com a aquisição, nem Portugal perdeu. Comtudo, força é confessar que foi um meio de propaganda iberica estabelecido entre nós, e que se, propondo-o, o sr. Fernandez de los Rios cumpriu *su misión*, não cumpriram a sua os ministros de Portugal.

E tanto mais que a chamada *Egreja Evangelica* não se limita aos taes padres, que, na frase do sr. L. Palmeirim, sacrificam a Religião e a Patria á sensualidade, esses padres fazem propaganda entre as classes menos instruidas, roubando assim fleis á Egreja, e cidadãos á patria.

Mas deixemos a responsabilidade d'esse facto a quem de direito toca, e terminemos registrando com prazer a publicação de mais uma obra anti-iberica, embora a indulgencia excessiva com que trata alguns nomes, que o publico creê bliados no iberismo.—(«Nação»).

GAZETILHA

Cadeia districtal.—No dia 10 do corrente foi installada, no governo civil, a comissão que deve tratar da escolha do local, administração e construção da cadeia districtal, e casa de correção para jovens detidos.

A comissão é composta do sr. Marquez de Vallada, presidente, e dos snrs. presidente da camara e engenheiro districtal, vogaes. Diz-se que hoje se reunirão para procederem á escolha do local.

Tomamos a liberdade de lembrar á digna comissão que deverá evitar toda a precipitação nessa escolha, pois que della depende não só a boa ou má collocação do edificio, mas ainda o dar vida a alguns bairros que presentemente estão mortos.

Braga, que está optimamente situada, e tem as melhores proporções para se alargar e vir a ser uma das nossas cidades mais bellas, não pode estar á mercê dessa mania, que reina desde ha tempos, de quererem centralisal-a. As tendencias actuaes são o caminhar para nascente e estrada do Bom Jesus; mas se a iniciativa particular, ao que ninguem pode oppor-se, toma tal rumo, não estão no mesmo caso os edificios publicos, para o que todos concorrem com a sua quota.

Corre que se projecta edificar a cadeia districtal para esses lados. Tal ideia será por nós combatida energeticamente, e cremos que todos os bracarenses nos apoiarão,—excepto aquelles que na realisação d'ella tiverem interesse immediato.

Entre outros, ha quatro locais que nos parece serem convenientes para a projectada edificação da cadeia:—um ao sul, outro ao poente, e dois ao norte, entre os quaes ha um que, em razão da especialidade que nelle actualmente se nota, nos parece preferivel.

Para não ferir susceptibilidades, nem prodispor a opinião, não tractamos mais extensamente esta materia; mas promettemos ficar de atalaia para desvendar qualquer precipitação, ... e qualquer padrinhagem.

Theatro de S. Geraldo.—A companhia do theatro *Baquet* deu ante-hontem, no theatro de S. Geraldo, um espectáculo com o drama em 3 actos *O Palhaço*.

Bom desempenho, e merecidos applausos.

A casa, não obstante o mau tempo, estava quasi cheia d'espectadores.

Por estes dias sobe á scena a opereta *Amar sem conhecer*.

Esta companhia tenciona, se obtiver

n.º sufficiente de assignatura, dar duas recitas por semana durante a presente quadra.

A assignatura está aberta no camaroteiro, sendo os seus preços:

- 1.ª ordem frente 2\$000 reis.
- » » lados 1\$800 »
- 2.ª » frente 2\$600 »
- » » lados 2\$200 »
- 3.ª » » 1\$200 »
- Plateia superior 500 »
- » geral 300 »

Os espectaculos começarão ás 8 horas da noite.

Audiencias gernas.—No dia 9 foi julgado o réo Fernando Cazimiro e Valinhas, solteiro, creado de servir, da freguezia das Duas Igrejas, concelho de Forciri (Hespanha), accusado do crime de furto.—Condemnado em 3 annos de prisão ou 2 de prisão celular e nas custas do processo.

Dia 10.—Manoel Fernandes, solteiro, pedreiro, da freguezia de S. Mamede d'Este, accusado do crime de furto.—Condemnado em 3 annos e 3 mezes de prisão e custas do processo.

Guerra do Oriente.—Os ultimos telegrammas relativos á guerra do Oriente, são os que seguem:

Londres 8—Um despacho official russo confirma a derrota dos turcos em Devy Boad.

Os turcos completamente desorganizados abandonaram o acampamento, varios canhões e quantidade de provisões.

As perdas são consideraveis. Plewna está abastecida só para alguns dias.

Os montenegrinos cercam Podgoritza e bombardearam um forte proximo a Spuz.

Constantinopl 8—Moukhtar-Pachá confirmou a sua derrota na frente de Erzeroum. Moukhtar participa que occupa aquella praça, tencionando defendel-a.

Bucharest 8—Cada dia se aperta mais o cerco de Plewna, cuja rendição se considera inevitavel. E' apenas questão do tempo, pois não é provavel que receba soccorro efficaz com a sahida de Osman-Pachá para Orkania. Sómente lhe será possivel pelo preço de enormes sacrificios.

Londres 9—Diz o «Times» que augmentam na Albania os sentimentos hostis, causando novas inquietações. O bey de Tunis prepara um contingente de 5:000 homens para enviar á Turquia.

Bucharest 9—Os turcos estão formando acampamento de inverno em Kalper. Reina consternação em Philippopolis, d'onde foram levados notaveis bulgaros agrihoados, para serem desterrados; o banqueiro Gethof irá também para o desterro.

O general Tottleben está cobrindo as fortificações na estrada de Sofia. As reservas russas marcham para Forkfen. Está reconstituído o corpo do exercito Lko-belett.

Londres 9—Noticias de Berlim dizem que as potencias estão de accordo para neutralisar a bocca do Danubio em Sulina. Os turcos affirmam que o cadaver de Gourko foi levado para Lisboa.

Belgráo 9—Não são boas as relações da Turquia com a Servia, por causa dos movimentos militares. A Porta ameaça tomar medidas energicas. Na Albania tem havido manifestações hostis aos turcos.

A's pessoas caritativas.—Na rua Direita, da freguezia de S. Pedro de Maximinos, n.º 18, existe uma entevadinha, de 16 annos de idade, e filha de paes extremamente pobres, que continuamente soffre dores tão acervas, que só as almas bemfazejas lhe podem dar algum allivio, soccorrendo-a com uma esmola pelo divino amor de Deus.

A's almas caridosas.—Recommendamos ás almas caridosas uma infeliz viuva, moradora na rua de S. Bernabé, n.º 13, (sotão). Tendo 80 annos d'idade, e porisso sem poder applicar-se a qualquer trabalho, lucha com a miseria extrema.

Appelo á caridade.—A entevada Maria Antonia Ferreira, viuva do Antonio dos Granginhos, e que ha tempos saiu do Hospital com molestia incuravel, tem agora os seus padecimentos mais aggravados, achando-se sem meios de subsistencia para poder tratar-se no pouco tempo que lhe resta de vida. Imploramos, pois, a caridade das almas piedosas, para que se lembrem da infeliz com uma esmola. A sua residencia é na rua do Alcaide, n.º 17, n'um quarto á porta da rua.

Resumo do activo e passivo do Banco Commercial, Agricola e Industrial de Villa Real, em 31 de outubro de 1877.

Activo	
Caixa, dinheiro existente	15:335\$563
Letras descontadas	662:331\$618
Letras caucionadas	44:592\$000
Letras em liquidação	6:608\$472
Letras protestadas	5:215\$310
Obrigações a receber	2:023\$495
Empréstimos sobre penhores	3:122\$500
Operações a longo prazo	15:486\$138
Papeis de credito	1:079\$120
Acções de c. propria	13:730\$000
Contas correntes com garantia	7:775\$760
Agentes no paiz, dinheiro e letras a cobrar	66:329\$720
Agentes no estrangeiro	13:010\$520
Diversos devedores	8:114\$483
Móveis e utensilios	610\$400
Despezas de installação	2:000\$000
Accionistas	100\$000
	867:483\$099

Passivo	
Capital do Banco	800:000\$000
Deposito á ordem	3:354\$698
Deposito a prazo	24:403\$059
Dividendos a pagar	1:817\$950
Fundo de reserva	7:020\$000
Reserva para contribuição industrial	5:400\$000
Ganhos e perdas	25:489\$482
	867:483\$099

Villa Real, 3 de novembro de 1877.

Os gerentes,

Joaquim José d'Oliveira Guimarães.
Francisco Ferreira da Costa Agarez.

SAÚDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de saúde.

REVALESCIÈRE
DU BARRY de Londres.

30 annos d'invariavel successo

3 Combatendo as indigestões (dispepsia) gastrica, gastralgia, flatos, arrotos, flatos, amargor na bocca, pituitas, náuseas, vomitos, irritações intestinaes, hezigas, diarréa, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabethes, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, dos bronchios, da heziga, do fígado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 85.000 curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluskow, da exm.^a sr.^a marquezã de Brehan, de Lord Stuart de Decies, par d'Inglaterra, do doutor e professor Würzer, etc., etc.

Cura n.º 63:476.—Mr. Comparet, cura, de dezoito annos de gastralgia, de soffrimentos d'estomago, dos nervos, fraqueza e suores nocturnos.

Cura n.º 74:422.—Prostração.—Baldwin, da mais completa decadencia da saúde, de paralytia dos membros por effeito e excessos da mocidade.

Cura n.º 76:448.—Verdum, 16 de janeiro de 1872.—Havia cinco annos que soffria graves incommodos no lado direito e na cavidade do estomago, más digestões etc. Não hesito em certificar que a sua **Revalescière** me salvou a vida.—ERNESTO CATTÉ, musico do 63 de linha.

Cura n.º 62:986.—M.^{te} Martia, de amenorrhœa. Suppressão de menstruação e danga de São Guido, declarada incuravel, perfeitamente curada pela **Revalescière**.

E' seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economica cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500; de 1/2 kilo 800 rs; de um kilo, 1\$400 rs; de 2 1/2 kilos, 3\$200 reis; de 6 kilos, 6\$400; e de 12 kilos, 12\$000 rs.

Os biscoitos da **Revalescière** qua se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1\$400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a **Revalescière** chocolateada; ella res-

titue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó e em paus, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 reis; de 48 chavenas, 1\$400; de 120 chavenas, 3\$200 reis, ou 25 reis cada chavena.

DU BARRY & C.^a LIMITED.—Place Vendôme, 26, Paris, 77 Regent-Street, Londres. Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central; snr. Serzedello & C.^a Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo); Azevedo Filhos, praça de D. Pedro, 31, 32, Barral & Irmãos, rua Aurea, 12—Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia, 77.

DEPOSITOS ENTRE DOURO E MINHO.—Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.—Barcellos, Antonio João de Sousa Ramos, pharm., Largo da Ponte.—Braga, Domingos J. V. Machado, drog., praça Municipal, 17 — Antonio A. Pereira Maia, Pharm., rua dos Chãos 31—Pipa & Irmão, rua do Souto.—Vizama do Castello, Afonso drog., rua da Picota; J. A. de Barros, drog., Rua grande 14).—Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.—Antonio d'Araujo Carvalho, Campo da Feira, 1; José, J. da Silva, drog., Rua da Bainha, 29 e 33.—Ponte de Lima, Miranda, pharm.—Porto, M. J. de Sousa Ferreira & Irmão, Rua da Banharia, 77; J. R. de Sequeira, pharm., Casa Vermelha; E. J. Pinto, pharm., Largo dos Loyos, 36; Viuva Desirê Rahir, Rua de Cedofeita, 160; Fontes & C.^a, drogs., Praça de D. Pedro, 105 a 108; Antonio J. Salgado, Pharmacia Central, Rua de Santo Antonio, 225 a 227.—Ponte de Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—Ponte de Vazim, P. Machado de Oliveira, pharm.—Valença do Minho, Francisco José de Sousa, pharm.—Villa de Conde, A. L. Maia Torres, pharm.

AGRADECIMENTOS

D. Thomasia Julia de Sousa Cruz, Estevão da Costa Ribeiro da Cruz, o padre Francisco Ignacio da Costa Ribeiro da Cruz e o padre Ignacio Jacintho da Cruz, penhorados em extremo pelas provas de amizade e consideração que receberam por occasião do fallecimento e enterro de seu sempre lembrado thio o snr. padre Francisco Ignacio da Costa Ribeiro da Cruz, patenteiam por este meio o seu profundo reconhecimento. E' lhes grato especialisar os snrs. vereadores, e revd.^{os} sacerdotes que até de grandes distancias concorreram gratuitamente ao enterro, que teve logar no dia 3 do corrente, na egreja de Sant'Anna de Vimieiro (594)

Os abaixo assignados, penhoradissimos pela distincta honra que os illm.^{os} e exm.^{os} snrs. se dignaram prestar d'assistir aos officios funebres celebrados no templo dos Congregados no dia 2 do corrente mez de novembro pela alma de nossa saudosa irmã e cunhada D. Oliva de Sousa Rebello, e que a acompanharam ao cemiterio; gratos aos sentidos pezames que lhes dirigiram, bem assim muitas snr.^{as}, por tão angustiosa occasião, protestam por este meio o seu reconhecimento eterno.

Adelaide Julia Pinto de Sousa Rebello
Albino de Sousa Rebello
Antonio José Pinto da Costa Rebello.
(399)

Os abaixo assignados, agradecem por este meio, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, a todos os illm.^{os} snrs. que os cumprimentaram pela occasião do fallecimento de seu extremo filho, sobrinho e afilhado, Joaquim Fernandes da Silva Araujo; e bem assim de acompanharem o seu cadaver ao cemiterio publico, na tarde do dia 4 do corrente, protestando a todos o seu indelevel reconhecimento e gratidão.

Braga 8 de novembro de 1877.

Manoel Joaquim da Silva Araujo
Ursula Rosa de Jesus da Silva Araujo
Joaquim Fernandes da Silva Braga
Maria d'Assumpção Oliveira Braga.
(601)

ANNUNCIOS

O conselho administrativo do regimento de infantaria 8, faz publico, que no dia 26 do corrente mez, por 11 horas da manhã e no quartel do mesmo corpo, tem de proceder á venda, em hasta publica, de uma meza com prensa para selar, julgada incapaz para o serviço.

Quartel em Braga 10 de Novembro de 1877.

O Secretario do Conselho
Bernardo Ozorio,

(601) Alferes d'infanteria 8.

EDITOS.

Manoel Joaquim Leite da Silva, administrador substituto do concelho de Fafe

Faço saber que Manoel Baptista Teixeira, do logar da Feira, da freguezia de Moreira de Rei, d'este concelho, requereu por esta administração, a concessão de licença, para a edificação e conservação d'uma fabrica de fogo d'artificio e elementos indispensaveis para o mesmo, no seu logar e freguezia, e por que tal estabelecimento está mencionado na 1.^a classe da tabella que refere o decreto de 21 de Outubro de 1863, com a indicação do inconveniente perigo d'exposão e incendio, são por isso chamadas as auctoridades publicas, os chefes e agentes de qualquer estabelecimento, e todas as pessoas interessadas, a reclamarem por escripto no prazo de 30 dias, perante esta administração contra a projectada fundação.

Administração do concelho de Fafe, 8 de Novembro de 1877.

O administrador substituto

(602) Manoel Joaquim Leite da Silva.

Pela recebedoria da comarca de Villa Verde, se faz publico que desde o dia 2 d'este mez, até o 1.^o de dezembro, se acha aberto o cofre para a cobrança de todas as contribuições do corrente anno; ficando sujeito á multa legal quem não pagar no referido prazo.

Villa Verde 9 de novembro de 1877.

O Recebedor

João Antonio Rodrigues d'Azevedo Coutinho.
(603)

Real Sanctuario do Bom Jesus do Monte.

No dia 21 do corrente mez, pela uma hora da tarde, e na Secretaria do Real Sanctuario do Bom Jesus do Monte, sita no largo de Sancto Agostinho, d'esta cidade, ha de arrematar-se em hasta publica, perante a respectiva commissão administrativa, e construcção de um muro de supposto no local do mesmo Sanctuario. As condições de arrematação estão patentes, todos os dias, em casa do vogal da commissão o snr João Augusto da Cunha, morador ao largo do Barão de S. Martinho.

Braga 12 de Novembro de 1877.

O Presidente da Commissão administrativa

José Maria Rodrigues de Carvalho.

Precisa-se no Hospital de S. Marcos, d'um ajudante de enfermeiro, que seja solteiro ou viuvo sem filhos, robusto, de 25 a 40 annos, de bom comportamento e que saiba ler e escrever. Vence o ordenado de 240 reis diarios, seccos, ou 120 reis e de comer.

O individuo que pretender e que esteja nas condições referidas, queira apresentar seus documentos na secretaria do mesmo Hospital.

A Commissão administradora do Hospital de S. Marcos d'esta cidade, declara que aceita propostas em carta fechada até o dia 23 do corrente para o fornecimento de 30 peças de panno crú e 40 cobertores, conforme as amostras que se acham patentes no mesmo Hospital.

Braga 13 de Novembro de 1877.

O Secretario

(604) João Manoel Correia.

Arrematação

Por ordem da meza administradora da confraria de Nossa Senhora do Rosario da Sé Primaz são postos em praça, ás Grades de S. Geraldo, no dia 18 pelas 10 horas da manhã, as pensões que diversos cazeiros pagam á mesma.

O cartorario

(605) P.^o Antonio Lopes Coelho.

ASSUMPÇÃO.

Rua dos Capellistas, 13

Defronte da Alfandega.

Tem no seu estabelecimento os seguintes objectos abaixo exarados pelo menos preço possivel, a saber: chitas largas bem sortidas, finas em côr, e bom panno, a 80, 90, 100 e 110 o covado; ha linda lençaria de seda e setim, tanto para senhora, como outros proprios para assoar; guardasoes de seda, para homem e senhora; castiças de metal, e vidro; jarras de procelana; agoas de colonia; collarinhos e punhos para homem; madopolões; merinos brancos; pannos crús; lenços de cambraeta de linho para bolso; jarras praticadas, em diferentes tamanhos; adereços e brincoes; sapatos de borracha, pellica; trança, orello; gravatas de seda, ou gorgorão, largas, para homem, modernas; lençaria de côres em algoção, cassa, sarja, metim, e d'outras qualidades; lunetas de grau e oculos; sabonetes sortidos; livros de missa; peitos de bertanha de linho; colchas brancas, para cama; pós d'arroz em caixinhas de vidro.

N'este estabelecimento ha um sortido completo de tudo e barato. (606)

José Antonio da Silva Gomes, d'esta cidade, curador fiscal provisório da massa fallida de Oliveira & Filho, firma commercial, d'esta cidade, faz publico que por ordem e despacho do respectivo Juiz Commissario, está assignado o dia 24 do corrente mez de novembro por 10 horas da manhã, no Tribunal Judiciario, d'esta mesma cidade, para a reunião dos credores do fallido, afim de se tratar da verificação dos seus credits.

Braga 8 de novembro de 1877.

O curador fiscal

(597) José Antonio da Silva Gomes.



Francisco José de Barros & C.^a da freguezia de Fonte Arcada, conselho da Povia de Lanhoso, annuncia ao publico que abre uma nova carreira diaria entre Simões e Braga, a sair de Simões ás 5 horas da manhã, e de Braga para Simões ás 2 horas da tarde; principia a sair no dia 9 de novembro inclusivè.

Escritorio em Simões em casa do Bualhudo, e em Braga em casa de Domingos Alves Pereira, Praça do Barão de S. Martinho, n.º 1.

Preços:

De Simões a Braga 240 reis
Da Povia a Braga 200 »
Do Pinheiro a Braga 160 »
Vice-versa, o mesmo preço.

Braga 7 de novembro de 1877.

(596) Pelos annunciantes—Alves Pereira.

ENXERTOS

João da Costa Palmeira tem para vender em sua quinta em Santa Eulalia de Tenões, enxertos de macieira, pereira, damasqueiro, ameixoeira, pecaqueiros de Amaranthe, ameixoeira do Canadá, nespeiras, larangeiras, nogueiras, vides, tudo boas qualidades; bem como salgueiros com raiz, e estacas de choupo.

Trata-se na rua de D. Gualdim n.º 2. (572)

RUA NOVA, N.º 5

Ha para vender um tranqueiro e uma sacada de pedra do monte das Caldas. Trata-se na mesma rua e n.º (543)

